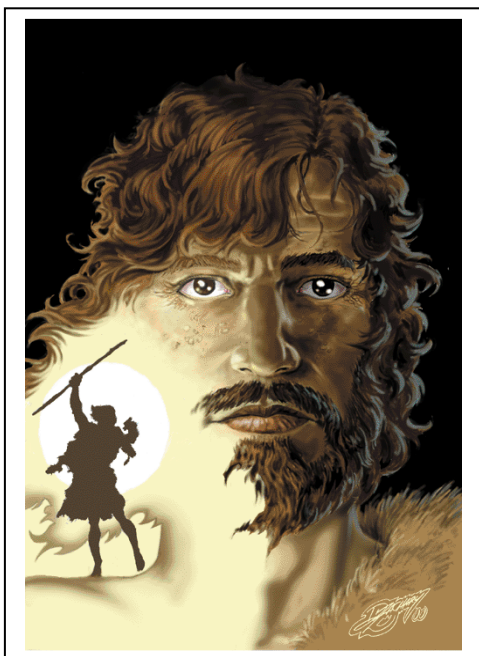


NINGUÉM CONVIDARIA JOÃO BATISTA



“Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista... Muitos foram ter com ele, e diziam: João, na verdade, não fez sinal algum, mas tudo quanto disse deste homem era verdadeiro.” (Mateus 11:11; João 10:41)

Quando analisamos cartazes contendo anúncios de mega eventos do tipo “gospel” que acontecem por aí, podemos observar que o grande destaque desses eventos está na participação de um super-ultra-mega pastor (ou apóstolo) dotado, na maioria das vezes, de poderes sobrenaturais como “visão de raio-x”, “transferência de unção”, “revelação de nomes” e coisas do gênero. Alguns desses pastores se auto intitulam como sendo “a maior autoridade espiritual desta terra”. Um posicionamento bem diferente da que teve o puritano inglês William Jenkyn (1613-1685)

que disse: *“É melhor ser um verme humilde do que um anjo orgulhoso.”*

Para que alguém possa ter o “privilégio” de fazer parte da lista de preletores dessas reuniões evangelísticas (que não têm nada, ou pelo menos quase nada, do Evangelho), não basta possuir um bom conteúdo teológico (na realidade, conteúdo teológico ainda que superficial, é algo totalmente ausente nesses encontros). Para assassinar, digo pregar, o Evangelho nesses lugares, é necessário ter em suas veias algo mais do que sangue humano; é preciso ter “unção”. Mas são tipos de “unção” que, na maioria das vezes, não sabemos “de onde são”.

O resultado disso se traduz em absurdos teológicos feitos em nome de Jesus (ou seria Gezuiz!?), que fariam – se possível fosse – grandes teólogos como Lloyd-Jones, Spurgeon, Baxter, Finney e outros revirarem-se em seus túmulos.

E no que tange a criatividade dessas invencionices neopentecostais, o céu (ou seria o inferno!?) é o limite!

Com isso, pregadores que são defensores ferrenhos da sã doutrina, não têm a mínima chance de ministrar a Palavra nesses lugares. Até porque ninguém em sã consciência e com um pouco de discernimento espiritual, se faria presente em eventos como esses. E mesmo se aceitassem participar desse ajuntamento gospel circense, não seriam nunca convidados, pois não passam de meros mortais, desprovidos da “unção apostólica” que permeia os nossos dias.



Um desses “desprezíveis” pregadores (pelo menos na visão da elite evangélica contemporânea) que, se estivesse vivo, não seria convidado para nada, e não teria oportunidade nem de fazer uma oração silenciosa, seria João, o Batista.

João Batista não possuía títulos como “Pb.”, “Pr.”, “Dr.”, “Th. B.”, “Th. M.”, “D. D.” ou “Ph. D.”. Ele não possuía carro importado e blindado, nem jatinhos particulares para os seus “passeios” ministeriais. Ele também nunca dirigiu uma igreja com mais de 15.000 membros e nem usou ternos fabricados pela “Ricardo Almeida”. Isso sem mencionar que ele nunca liberou a “unção financeira” a qualquer um dos seus ouvintes ou patrocinadores.

Além disso, João Batista carregava consigo a maior marca do seu fracasso ministerial: nunca houve um único e mísero milagre que tenha sido realizado por intermédio do seu ministério (ainda que seu ministério tenha sido relativamente curto).



Ainda assim, para escândalo e surto coletivo dos caciques eclesiásticos do nosso tempo, Jesus considerou João Batista como sendo, dos nascidos de mulher, o maior de todos os pregadores que já estivera sobre a terra.

E quando João Batista foi comparado com nada menos que Jesus, o Messias, sua resposta foi: “É necessário que

ele cresça e que eu diminua.” (João 3:30). É como bem ensinou o grande expositor bíblico Charles Haddon Spurgeon: “*Quanto mais elevado estiver o homem na graça, menor ele será a seus próprios olhos.*”. E não diferente desse princípio de humildade, o pastor anglicano George Whitefield (1737-1770) escreveu: “*Que meu nome seja esquecido, que eu seja pisoteado por todos os homens, se dessa forma Jesus puder ser glorificado.*”.

O teólogo anglicano James Ian Packer certa vez afirmou: “*Só depois que nos tornamos humildes e ensináveis e permanecemos extasiados diante da santidade e soberania de Deus... reconhecendo*

nossa pequenez, desconfiando dos nossos pensamentos e desejando ter a mente humilhada, é que podemos adquirir a sabedoria divina.”. Podemos completar esta afirmação com as palavras do poeta inglês Francis Quarles (1592-1644): *“A melhor maneira de veres a luz divina é apagar tua própria vela”*.

Como é grande o antagonismo presente no conceito que Jesus faz das pessoas em contraste com o perfil que os líderes evangélicos atuais exigem de seus apadrinhados. Na mesma trilha está a enorme massa evangélica que, em seu inconsciente coletivo, em vez da pura e genuína exposição bíblica, optam por um guru gospel vestido não com turbante, mas com camisa azul e gravata e que lhe diga: *“Vem pra cá, Brasil! É forte esse ministério! A mão de Deus está aqui!”*.

O verdadeiro líder cristão sabe, a exemplo de Cristo, que tudo o que tem e o que precisa recebeu e receberá de Deus, sabe que veio do Senhor e para Ele vai voltar, sabe quem é, porque é e para quem é, logo, não precisa de ninguém o paparicando, nem autenticando a sua liderança.

O verdadeiro líder não precisa de títulos e quando os tem não os usa. O líder cristão é servo, é isso que mostra quão próximo ele está do Senhor Jesus Cristo.

Certa vez perguntaram à Madre Teresa qual era o segredo de seu sucesso, ao que ela respondeu: *“não sabia que Deus havia me chamado para ter sucesso.”*. Engolir o orgulho raramente produz indigestão. Foi o orgulho que transformou anjos em demônios; é a humildade que faz homens serem como anjos. Como disse certa vez Thomas Brooks, *“os homens mais santos são sempre os mais humildes”*.

Cultivemos um coração que priorize a busca da face de Deus, em detrimento de Suas mãos. Sejamos pessoas que buscam a Deus por aquilo que Ele é!